

# BOLETIN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena a todo espíritu e interés de comunión religiosa, escuela filosófica o partido político; proclamando tan sólo el principio de la libertad e inviolabilidad de la ciencia y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas.—(Art. 15 de los Estatutos.)

Domicilio: Calle de Francisco Giner, 14.

El Boletín, órgano oficial de la *Institución*, es una Revista pedagógica y de cultura general, que aspira a reflejar el movimiento contemporáneo en la educación, la ciencia y el arte.—Suscripción anual: 10 pesetas en la Península y 20 pesetas en el Extranjero.—Número suelto, 1 peseta.—Se publica una vez al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira a los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción.

AÑO LVIII.

MADRID, 31 DE MARZO DE 1934.

NUM. 887.

## SUMARIO

### PEDAGOGÍA

As directrizes da escola nova (*conclusión*), por el Prof. Anisio S. Teixeira, pág. 49.—Los problemas generales de la radiodifusión escolar (*conclusión*), pág. 52.

### ENCICLOPEDIA

Centenarios científicos, por Mr. Edgar C. Smith, pág. 59.—Pierre Villey, muerto para sus hermanos los ciegos, por M. Albert Mahaut, pág. 61.

### INSTITUCIÓN

Notas de excursiones (*continuación*), por don José María Giner y D. José Ontañón, página 70.—Libros recibidos, pág. 72.

## PEDAGOGÍA

### AS DIRECTRIZES DA ESCOLA NOVA (\*)

por el Prof. Anisio S. Teixeira.

(*Conclusión.*)

Como se fará, porém, a *organização* dos conhecimentos, se dermos ao curso de estudos a marcha *psychologica*, *organica*, *vital*, que estamos a defender?

A *materia escolar*, para uso do professor, no pnto de vista que assumimos, será organizada em bases, que, segundo o conselho de Kirpatrick, devem obedecer á seguinte ordem (*Foundation of Method*, p. 361):

(\*) Véase el número anterior del BOLETÍN.

1. Descrição clara da *theoria*, salientando-se os objetivos novos, que visa o seu ensino.

2. Projectos diversos, descriptos em detalhes, para mostrar o que se deve esperar, e porque, de um ensino por meio de actividades e empreendimentos com um fim em vista. Indicação dos resultados obtidos.

3. Lista de projectos em numero superior aos que possam ser praticamente usados, com referencia de material e aparelhagem necesarios.

4. Indicação dos resultados que se devem razoavelmente esperar com relação á *materia*, pondo-se maior relevo na aquisição de hábitos e attitudes, geralmente esquecidos na escola tradicional. Essa indicação servirá para que os professores e os alumnos meçam e estimem o progresso que estão fazendo.

5. Material para os alumnos se exercitarem nesse ou naquelle ponto do estudo.

Sob taes bases, o ensino passará a ser dado por meio de projectos, em vez de lições. E os projectos não acompanharão, é bem de ver, a sequencia logica em que hoje é dividida a *materia*, por isso que se devem organizar em harmonia com os impulsos, as tendencias, os interesses e a capacidade da criança. As *materias* serão ensinadas a medida em que se tornem precisas, na sequencia de cada projecto.

O criterio não será, neste caso, o de sua *organização logica*, mas o da aptidão da

criança para comprehender e da necessidade em que ella se acha para proseguir em determinada actividade.

Como as actividades se estabelecem em virtude de um desdobramento da capacidade infantil, guiada e dirigida pelas condições do meio em que vive—poderá sempre haver uma sequencia progressiva nos projectos utilizados. A criança, á proporção que se desenvolve e cresce, se empenhará em actividades mais complexas, que exigirão maior somma de conhecimentos, cuja necessidade ella mesma irá sentindo. Toda a materia que fôr assim chamada a dar a sua contribuição deverá ser fatalmente incluída, mas não se forçará, sob pretexto de necessidade logica, a utilização de materia que não sirva a alguma finalidade, vista e prevista, no curso do projecto.

Como se operará, então, a *organização* dos conhecimentos do alumno? Desprezando, como desprezamos, a organização logica systematica, em que se acha a materia, o que lhe vamos dar em substituição áquelle possível valor perdido?

Vamos dar-lhe a *organização* que se processa naturalmente no curso da *sua* actividade e que é a unica legitima e util, no estagio de desenvolvimento em que se encontra.

O alumno ou a criança, empenhado em uma actividade que elle escolheu ou em cuja escolha participou, cujo fim percebe e procura attingir, tem no projecto, que o anima a agir e proseguir na acção, o eixo, em torno do qual se distribuem, se julgam e se reúnem todos os conhecimentos que vae adquirindo. Podese vêr, por ahi, como a criança, tudo aprendendo em função de um fim em vista, articula os resultados dessa aprendizagem ás suas experiencias passadas, reorganiza-as em um todo cada vez mais amplo e se encaminha para novos projectos com um sentimento de confiança efectiva nos seus conhecimentos.

A *organização* que se opera é perfectamente vital e utilizavel. Afinal, *organização* é a disposição de uma serie de cousas com o sentido de utilidade que tem cada uma dellas em relação ao todo que se quer organizar.

A organização logica e systematica da sciencia ou de uma materia é a disposição dos seus conhecimentos em torno de certos principios geraes. O especialista em mathematica ou physica sente perfectamente a vantagem dessa organização, para o seu raciocinio e para as suas pesquisas. Está tudo disposto do melhor modo para o seu manejo. Aquelle conjuncto de formulas e abstracções, de cujo segredo é senhor, representa o seu material de trabalho. Quem não o possuir é simplesmente um *leigo*, com o qual elle nem siquer poderá conversar sobre a materia.

A organização que realiza a criança, através da sua actividade querida e consciente, participa das mesmas virtudes. Os conhecimentos adquiridos desse modo se ajustam e se articulam em torno de conceitos que ella irá, pouco a pouco, formando e que são a toda hora utilizaveis em sua vida, porque ella os conquistou por um esforço organico, percebendo-lhes as relações e a funcção pratica.

O erro da visão da escola tradicional está em lhe querer dar, de chôfre, a *organização* final da materia, cujo sentido só o especialista percebe.

O alumno que tiver gosto e inclinação pode chegar até lá. Os seus projectos se poderão desenvolver, em uma certa epoca, ao longo de linhas especializadas, o seu interesse puramente intellectual pode accentuar-se, chegando assim aos mais altos grãos de *organização* scientifica. Tal desenvolvimento será natural e logico, porque não ha nenhuma antinomia entre a sua primeira actividade pratica e as culminancias intellectuaes que vier a alcançar. Afinal, a criança que se educa e o cientista que descobre mais uma verdade agem do mesmo modo. Ambos usam intelligentemente os recursos que tem ás mãos para a consecução de um determinado fim.

Mas, a grande maioria não chegará ao ponto em que se encontram os especialistas. A que fica, então, reduzido o ensino?

O alumno não ganhará um conhecimento completo da sciencia, mas obterá uma noção efficiente do seu methodo e dos seus processos. O seu pensamento ganhará, em

physica, em mathematica, em geographia, em historia, attitude acertada para encarar os phenomenos. Perceberá elle ainda a função do conhecimento scientifico.

Spencer, analysando o saber de mais valor para o homem contemporaneo, concluiu que esse saber era o saber scientifico. Implicitamente presuppoz, entretanto, que a sciencia podia ser ensinada pelos seus resultados e não pelos seus methodos. O essencial, porém, é dar ao educando a attitude scientifica, com os seus habitos de reflexão, de inquerito, de analyse, de critica e de sistematização.

Esse resultado pode perfeitamente ser attingido dentro da theoria escolar que estamos a defender. Mais do que isso. Esse resultado é o caracteristico do methodo de que estudamos aqui um dos 'elementos.

Chegamos, desta sorte, ás mesmas conclusões a que nos tinham levado as primeiras reflexões sobre a criança e o programma.

Resumamos essas conclusões:

1. A escola deve ter por centro a criança e não os interesses e a sciencia dos adultos;

2. O programma escolar deve ser organizado em actividades, "unidades de trabalho" ou projectos, e não em materias escolares;

3. O ensino deve ser feito em torno da intenção de aprender da criança e não da intenção de ensinar do professor;

4. A criança na escola, é um ser que age com toda a sua personalidade e não uma intelligencia pura, interessada em estudar mathematica ou grammatica;

5. Os seus interesses e propositos governam a escolha das actividades, em função do seu desenvolvimento futuro;

Esas actividades deven ser reaes (similhança com a vida pratica) e reconhecidas pelas crianças como proprias.

\* \* \*

Não escureçamos as grandes dificuldades de chegar a realizar integralmente essas conclusões. Precisamos, para isso, de mais

estudo, mais pesquisa, mais paciencia e mais intelligencia do que, á primeira vista, parece.

O que se esta procurando reformar tem seculos de organização, onde esta effectivamente existe radicada. As novas technicas estão apenas sendo experimentadas.

Mas, desde que os principios estão certos, não ha razão para não tentar realizar uma escola mais consentanea com a directriz que delles decorre.

Lembremo-nos do problema da disciplina. Houve tempo em que os professores não acreditavam em ensinar sem o castigo physico. Seria tão absurdo propôr a esses educadores a suppressão da chibata ou da palmatoria, quanto em alguns logares, hoje, propôr a organização psychologica das materias escolares e o ensino por projectos.

A orientação da educação leva, entretanto, a crêr que dentro de 10 ou 20 annos, ninguem mais tentará nem o ensino por lições, nem a organização do curriculo em materias escolares, nem, a coacção intellectual de hoje.

Assim como desapareceu a coacção physica, tambem desaparecerá a coacção intellectual por inutil e contraproducente.

Não poderemos mudar da noite para o dia. A propria organização da escola e o exercicio do seu ministerio pelo professor só teriam a perder com uma modificação subita.

Podemos, talvez, iniciar o movimento:

—Primeiro, fundando *escolas experimentaes*, cujo numero iria augmentando com os professores convenientemente preparados.

—Segundo, retirando do dia escolar uma hora ou uma meia hora, em que se tente o novo methodo, mesmo nas escolas tradicionaes. A criança, devidamente guiada, escolherá a sua actividade e, nessa hora, aprenderá sob o principio do *trabalho com um fim em vista*.

As materias escolares passarão, ahi, do seu logar de honra para o de simples servas do crescimento infantil, contribuindo para elle quando chamadas. A organização logica dará logar ás organizações psycholo-

gicas pessoas, dos conhecimentos adquiridos.

Além dessa obra escolar, incentive o professor as actividades extra-classes. Dê liberdade aos alumnos para organizar a sua vida social e recreativa. Estimule-os neste exercicio de autonomia e de responsabilidade.

E pouco a pouco, á medida que os resultados se accentuarem, á medida que se sentir com forças para ampliar um tal programma, vá o professor alargando-o pelas demais phases do trabalho escolar, até abranger-o por inteiro.

Assim o progresso será organico e real. A escola será progressiva.

As novas ideas—que já não são ineditas e já estão até bem comprovadas alhures—valem o sacrificio dessa mudança de hábitos, de planos e de attitudes. Tenhamos a coragem de inicial-a.

## LOS PROBLEMAS GENERALES DE LA RADIODIFUSION ESCOLAR (\*)

(Conclusión.)

*Historia nacional y universal.*—Aquí no se trata tampoco de una enseñanza histórica, tal como la da el profesor de clase, sino más bien de ilustrar esta enseñanza evocando el medio en que se han desarrollado los acontecimientos históricos; permitir a los historiadores que posean una vasta cultura esbozar una síntesis, dar a los alumnos ojeadas de conjunto sobre la evolución y encadenamiento de las ideas y de los hechos de donde ha salido la civilización moderna. Los peritos tienen cuidado de hacerlo notar: esas evocaciones y reconstituciones históricas presuponen ya en el alumno un conocimiento bastante profundo de la historia, ayudando la enseñanza general dada en clase a que los alumnos puedan situar esas escenas históricas, sirviendo éstas a su vez para ilustrar la enseñanza del profesor de clase.

En esas charlas—de unos veinte minu-

tos—, trazando así las grandes líneas de la historia, el conferenciante procurará dar a sus ideas una forma sugestiva, que hiera la imaginación. Si se contentase con hacer una simple exposición didáctica, los resultados serían muy inferiores a los obtenidos por el profesor de clase.

Y es en el caso de tales evocaciones y reconstituciones históricas donde muchos peritos opinan que debe emplearse la forma de presentación dramatizada. Habrá que ingeniarse para reunir los elementos del asunto alrededor de un acontecimiento característico, para poner en escena algunos personajes que encarnen de algún modo el movimiento de las ideas y de los hechos de una época, la enseñanza de los principios y de las ideas en la representación de acciones y de hechos concretos. Haciendo eso, se evitará el entrar en los detalles de la historia; no se buscará tampoco el presentar una reconstitución minuciosamente fiel de una escena histórica, sino adaptarla a los conocimientos y al desarrollo intelectual de los alumnos. Se evocará, por ejemplo, la vida de un escolar en la Edad Media; se hará asistir a los alumnos a una Olimpiada, a una elección en la ciudad de Roma, teniendo cuidado de situar la acción en su cuadro sugestivo y concreto: el establecimiento de un barbero en Roma, donde se entable un diálogo entre un partidario de Cicerón y un adicto a Catilina; una escuela adosada a la residencia episcopal, a la sombra de una catedral. Para la historia local, se podrá, por ejemplo, hacer hablar a las diversas personalidades que figuren en efigie en un monumento de la ciudad, etc. Bien presentadas, esas escenas históricas llegarán a hacer la vida de otro tiempo familiar a los alumnos hasta el punto de que éstos pueden acercarla, en su imaginación, a su propia vida y establecer comparaciones preciosas para la conservación de esos datos en la memoria.

Según muchos peritos, las reconstituciones de ese género parecerán a veces artificiales; en todo caso, exigen mucha imaginación de uso constante en los países germánicos y anglosajones, no parecen encontrar mucha simpatía en los países latinos.

(\*) Véase el número anterior del BOLETÍN.

En estos países se prefiere generalmente presentar los acontecimientos de la historia bajo una forma anecdótica, ilustrando la vida de los grandes hombres, la situación económica, social y política de una época.

Sea lo que quiera, esas exposiciones sintéticas, esas reconstituciones o escenas didácticas convienen sobre todo a los alumnos del segundo grado de enseñanza y de las clases correspondientes de las escuelas primarias superiores.

*La geografía.*—En este dominio, la radiodifusión tampoco puede pretender más que un papel supletorio. Basta recordar aquí la experiencia intentada en este asunto en la Gran Bretaña. Al principio de los cursos se había intentado dar, además de las narraciones de viajes, charlas comprendiendo una enseñanza geográfica propiamente dicha. Pronto se cayó en la cuenta de que una enseñanza de ese género no podría ser dada mejor que por el profesor de la clase. Se decidió, por tanto, atenerse a las *narraciones de viajes*.

En ese terreno la radiodifusión escolar puede prestar servicios, por decirlo así, únicos: permite, en efecto, a los alumnos oír a conferenciantes que han vivido personalmente lo que ellos refieren, con todo lo que lleva consigo esta circunstancia de hechos de perspectivas originales, muy diferentes de los conocimientos librescos. Se hará, por ejemplo, hablar a un explorador sobre sus propios descubrimientos, o bien sobre su vida en la selva. Para hacer conocer los usos y costumbres de los diferentes pueblos, se recurrirá a personas que han vivido esos usos y costumbres. Tales charlas harán aparecer a la geografía bajo una luz singularmente atractiva.

Aun algunas de esas charlas podrán ser asimiladas a los cursos ordinarios de geografía. Estas deberán, sin embargo, ser consideradas como "extra". Una narración de viaje no contendrá nunca más que algunos aspectos de un curso de geografía, los que exciten la imaginación, permitiendo así registrar valiosamente el conjunto del conocimiento.

Se pueden distinguir dos clases de char-

las: *la narración de viaje*, muy sencilla, fácil de comprender y destinada a los niños de 12 a 13 años. El conferenciante tendrá cuidado de referirse a mapas y láminas que los alumnos tendrán a la vista, a fin de situar su tema y poner a su auditorio ante imágenes concretas. ¿Deberán tomar los alumnos algunas notas? Algunos lo recomiendan. Los organizadores de estas charlas son generalmente de opinión contraria. Hacen notar que si el conferenciante es verdaderamente interesante, "cautivador", ya los alumnos no pensarán en tomar notas. Obligarles a ello no haría más que desviar su atención.

Se podrá, igualmente, organizar charlas sobre las condiciones físicas, económicas, políticas y sociales de los diferentes pueblos. Esas charlas, dadas por especialistas de las regiones que describen y en las que han residido mucho tiempo, se aproximan ya al género de conferencias para sociedades de geografía y se dirigen sobre todo a los alumnos del segundo grado de enseñanza.

*Ciencias*—Se conviene en reconocer que la radiodifusión no puede servir para enseñar las ciencias cuyo estudio exige una gran parte de actividades sensoriales, además del oído: demostraciones en el encerado, experiencias y manipulaciones en el laboratorio, etc. Por el contrario, se servirá de ella con ventaja para transmitir charlas hechas por científicos de renombre sobre temas de ciencia de alcance general: resúmenes de la vida y de los trabajos de los grandes sabios, con lecturas de algunos pasajes característicos de sus obras; historia de los grandes descubrimientos científicos y de las invenciones, etc. Esas charlas se presentarán en lo posible bajo una forma dramatizada, de modo que hieran la imaginación de los alumnos.

Se podrán igualmente organizar, para uso de los alumnos del primer grado de enseñanza y de las escuelas primarias superiores, charlas con nociones científicas de una aplicación práctica. Esta iniciación podrá hacerse claramente en las materias siguientes:

*Estudio de la Naturaleza (Nature Study).*—Estas charlas deben tender a inclinar

a los niños a interesarse personalmente en el estudio de los fenómenos de la naturaleza y a observarlos por sí mismos.

*Biología e higiene.*—Estas charlas, destinadas a los alumnos de las clases superiores de la enseñanza del primer grado y a los alumnos de la enseñanza primaria superior, tendrán igualmente por objeto iniciarles en los principios elementales de la biología y de la fisiología. Para hacer esto, habrá que servirse de términos lo más sencillos posibles, respetando las exigencias de la exactitud científica. Se tendrá cuidado de dar para cada una de esas charlas una lista de palabras técnicas con explicaciones sucintas. El maestro leerá esta lista con sus alumnos antes de la lección. El boletín contendrá igualmente esquemas y láminas anatómicas muy sencillas, así como sugerencias de experiencias y de demostraciones poco complicadas que los alumnos puedan hacer por sí mismos con los medios de que dispongan. A este efecto, se les suministrarán igualmente algunas indicaciones sobre la manera de fabricar los instrumentos necesarios.

*Agricultura y horticultura.*—Estas charlas, destinadas principalmente a los alumnos de las escuelas rurales, tendrán por objeto iniciarles o interesarles más de lo que ya estén en la vida del campo, y ligarlos a él. Tratarán del cultivo de las flores, de los árboles frutales, la vida de los pájaros y las plantas, etc.; sobre las aplicaciones prácticas que se pueden hacer de algunos datos científicos en la explotación de la granja. Estas charlas deberán ser principalmente locales y muy cuidadosamente adaptadas al clima, a la tierra, a los cultivos especiales de cada región.

En fin, se podrán igualmente organizar para los alumnos de las clases superiores de la *enseñanza de segundo grado*, charlas de amplia vulgarización científica sobre la orientación general de la ciencia moderna y las tendencias que se manifiestan en sus diversas ramas. Esas charlas, que proporcionarán a los alumnos una perspectiva de conjunto sobre el movimiento científico, les permitirán igualmente escapar del peligro de una formación demasiado especializa-

da y, por tanto, unilateral. Les permitirán también darse cuenta de las diversas carreras científicas que se les ofrecen y escoger aquella para la cual se sienten con más aptitud. Se podrán hacer cursos semejantes para uso de las *escuelas primarias superiores y técnicas*. Aquí también la radiodifusión prestará grandes servicios, ya se trate de la orientación profesional de los alumnos o aun de su formación profesional.

*El reportaje.*—Más que a tratar de enseñar, de amueblar el espíritu de los alumnos con conocimientos nuevos, el reportaje debe tender ante todo a procurarles el deseo de instruirse; a hacerles ver en imaginación las cosas que les rodean en la vida real; a formular preguntas y a plantear problemas prácticos más bien que a resolverlos; en una palabra, a despertar su curiosidad intelectual. El *repórter* se trasladará, por ejemplo, a una fábrica, a un banco o al estudio de un artista; describirá sus principales actividades. Sin embargo, se discute el valor pedagógico de ese género de reportaje. El *repórter* se encuentra allí, en efecto, en presencia de objetos y de actividades que no podrá fácilmente evocar, pues la mayor parte de los alumnos no los había visto con sus propios ojos y con frecuencia no tendrán de ellos la menor idea.

El reportaje hablado, que pone a los alumnos en contacto con los acontecimientos y los hechos a que no pueden asistir personalmente se ha manifestado útil sobre todo para las escuelas rurales. Permite, en efecto, tanto a los maestros como a los alumnos, volver a ligarlos con el mundo exterior y escapar así al peligro de limitación de su horizonte intelectual, que les acecha en su aislamiento.

Estos reportajes tratarán principalmente de los grandes acontecimientos del día, nacionales e internacionales ceremonias oficiales, inauguración de exposiciones y de instalaciones nuevas, botadura de un buque, etcétera. Algunos entre los peritos insisten más en el carácter educativo de estos reportajes. Se podría servirse de ellos para iniciar a los alumnos en la vida económica, social y artística de su país.

### *Adaptación de estos cursos a los programas y a la enseñanza en la clase.*

Estas consideraciones, que nos han permitido precisar el papel de la radiodifusión escolar y apreciar la naturaleza de los servicios que hay derecho a esperar de ella, plantean necesariamente la cuestión de su adaptación a los programas y al trabajo de la clase, del cual aquélla no es más que un modo suplementario de enseñanza.

No se trata de imponer un programa de curso a toda una categoría de alumnos, como para la enseñanza ordinaria, sino de permitir a los alumnos seguir algunas de esas emisiones juiciosamente escogidas. Sin duda, la materia de esos cursos radiados habrá sido cuidadosamente establecida previamente en colaboración con las autoridades escolares, pero es al maestro a quien pertenece escoger en los programas de esos cursos los asuntos que le parezcan convenir más a sus alumnos.

Esa elección se impone por muchas razones. Estas charlas deben corresponder a la enseñanza ya recibida por los alumnos y servir de punto de partida al trabajo futuro. Por otra parte, los alumnos no se interesan seriamente con estas charlas sino a condición de no ser demasiado frecuentes; demasiado numerosas, engendran fatalmente la disipación y desarrollan en los escolares hábitos de trabajo superficial.

A fin de permitir al maestro hacer una elección juiciosa, se tendrá cuidado de comunicarle con mucha anticipación el programa de las transmisiones, dando para cada una de las disciplinas una nota sucinta de la naturaleza del asunto, del objeto que se propone alcanzar, de la categoría de alumnos a que estos cursos se dirigen más particularmente, de modo que permita igualmente a los maestros hacer su elección, teniendo en cuenta su propio empleo del tiempo.

Habiendo probado la experiencia que los resultados obtenidos por esas transmisiones no dependen solamente del valor de los programas transmitidos, sino también de las disposiciones de los alumnos, el maestro asociará, en la medida de lo posible, sus alumnos a esa elección.

### *Continuidad o discontinuidad en las charlas.*

Esta cuestión de la adaptación y de la elección de los asuntos está en parte condicionada por el orden seguido en su exposición. Entre los peritos hay algunos que estiman que las diferentes charlas relativas a una materia deben encadenarse entre sí de manera que constituyan un curso metódico y seguido, establecido en conformidad con el plan de estudios. Otros —que representan la mayoría— recomiendan, al contrario, evitar este encadenamiento riguroso, que obligaría a los alumnos a asistir a todas las charlas de una serie para poder obtener un provecho real. Este orden de exposición metódica convendría más bien para la enseñanza de adultos, como resulta claramente de la información hecha por la Unión internacional de Radiodifusión.

Sin querer decidir la cuestión de principio, se hace notar, sin embargo, que si existen algunas disciplinas —la historia, por ejemplo—, para las cuales parece imponerse un lazo lógico entre los asuntos, cada una de esas charlas podrá, sin embargo, ser concebida de manera que forme un todo y permita al maestro proceder a una cierta elección.

### *Horas y duración de las transmisiones.*

Hay un acuerdo general en reconocer que esas charlas no serán verdaderamente eficaces sino a condición de ser relativamente poco frecuentes y de corta duración. Esta duración variará necesariamente según la materia de la transmisión. No podrán, sin embargo, pasar nunca de la media hora. Prolongadas más allá de este límite, fatigarían a los alumnos, como ha demostrado la experiencia.

En cuanto a saber qué horas conviene escoger con preferencia, los peritos hacen notar que para la enseñanza del primer grado, en que un gran número de alumnos tienen clases en común, será relativamente fácil al maestro hacer una elección sin modificar demasiado el empleo del tiempo. No ocurre lo mismo en la enseñanza del segundo grado, que supone un número más

considerable de cursos dados por profesores especializados. Cualquiera que sea, se prefiere generalmente que esas transmisiones tengan lugar al fin de la clase, por la mañana, o con frecuencia al fin de la jornada escolar.

El informe que nos ha sido transmitido por la Unión internacional de Radiodifusión permite comprobar que es, en efecto, el uso adoptado en la mayoría de los países.

#### *Elección y preparación de las conferencias.*

No se recurrirá para dar esos cursos más que a educadores familiarizados con la técnica de la radiodifusión y que tienen costumbre de este género de conferencias. Habrán asistido ellos mismos a lecciones radiadas. Se registrará, por ejemplo, en disco la primera charla de una serie y se transmitirá a título de ensayo. El conferenciante podrá así asistir él mismo en una clase a su propia charla, darse cuenta del efecto producido sobre los alumnos y corregirse en consecuencia.

¿Estos cursos deben ser dados con preferencia por profesionales de la enseñanza o por especialistas recibidos de maestros en su asunto? Sobre este punto las opiniones están divididas. Nadie duda de que el conferenciante debe estar familiarizado con los métodos de enseñanza y conocer la mentalidad de los alumnos. Por otra parte, ya hemos tenido ocasión de hacerlo notar, hay ciertos asuntos para los cuales se impone la elección de un especialista: para las narraciones de viaje, por ejemplo, en que el conferenciante debe poder hablar de experiencias vividas y comunicar a sus oyentes otra cosa que el simple resumen de una erudición puramente libresca. Dejando aparte estos asuntos, algunos estiman preferible recurrir a conferenciantes que hayan pertenecido al cuerpo docente. Esta opinión, que ha sido claramente emitida por algunos miembros de la Federación internacional de las Asociaciones de Profesores concierne más especialmente a las charlas destinadas a los alumnos de la enseñanza de primer grado.

Sin pretender excluir a los profesores, la mayoría de los peritos comprueba, sin embargo, que estos últimos tienen una tendencia a dar demasiado fácilmente a su exposición la forma de una lección ordinaria. Por esta razón se dará en principio la preferencia a conferenciantes especializados en su asunto. Aquí, también, se preferirá al conferenciante que sabe hacer vibrar a su auditorio y comunicarle su entusiasmo, mejor que el sabio preciso y metódico; al animador que hace surgir perspectivas nuevas y plantea problemas, mejor que el erudito y el pedagogo que tratan de resolverlos de una manera minuciosa.

#### *Colaboración del conferenciante con el maestro.*

Para que estas charlas puedan dar resultados, el conferenciante y el maestro deben penetrarse de la idea de que la lección radiada constituye esencialmente una obra común, que necesita su colaboración íntima y constante. Igualmente, por intermedio del maestro, es como el conferenciante se pondrá en relación con sus oyentes, pues apenas si podrá encontrarse con ellos por sí mismo.

Esta colaboración debe afirmarse claramente en la preparación de los alumnos. Evidentemente, no se trata de explicar el asunto de la charla de una manera profunda, lo que haría superflua la audición. Por otra parte, el maestro no tendría tiempo para ello. Lo que es preciso evitar ante todo es que la materia de esta charla no venga a insertarse en el espíritu de los alumnos a la manera de un cuerpo extraño en un organismo. La preparación debe tender, ante todo, a disponer bien a los alumnos para seguir esos cursos. Por otra parte, el maestro se procurará los mapas, ilustraciones, vistas y películas, etc., destinados a suplir con la vista la insuficiencia de un modo de presentación puramente auditivo. Para facilitar la tarea del maestro, se darán en el boletín todas las indicaciones necesarias: naturaleza de la charla, su objeto, categoría de los alumnos a que se dirige, sugerencias para esta preparación, etc.

*Durante la emisión:* el maestro secunda-

rá al conferenciante animando a los alumnos a responder de una manera personal a las preguntas que este último no dejará de hacer en el curso de su charla; a tomar parte en los cantos, a repetir ciertas palabras, algunas frases. El mismo dará el ejemplo. Tendrá cuidado de escribir las palabras difíciles, y hasta algunas frases, en el encerado. Si la charla lo requiere, les hará seguir la exposición en el mapa, presentará las imágenes, diapositivas, etc., que a ella se refieran. Se enviará a las escuelas que posean un cinematógrafo las películas que ilustran algunas de esas charlas. El conferenciante dará la señal cuando haya de reemplazar las vistas y presentar esas películas. Se comprenderá que, lejos de permitir al maestro que se abstenga de intervenir durante esas transmisiones, éstas exigen, por el contrario, de su parte una actividad muy variada y sostenida.

¿El conferenciante y el maestro inducirán a los alumnos a tomar notas durante la audición? Algunos lo recomiendan vivamente, a fin de poner a los alumnos en estado de tomar una parte activa en la lección. A este efecto, los alumnos recibirán dos cuartillas, una para escribir las palabras difíciles; la otra, para las ideas principales de la charla. El maestro debería enseñar a los alumnos a tomar notas, escribiendo él mismo algunas palabras, algunas ideas en el encerado y explicándoles después de la emisión las razones que le han inducido a escribirlas. Ya hemos tenido ocasión, sin embargo, de hacer notar que la mayoría de los peritos estima que esta actividad podría crear en el alumno una inhibición que le hiciese perder la sucesión de las ideas y arriesgase inmovilizar su atención en puntos secundarios. En la práctica, pues, no se exigirá más que raramente a los alumnos el que tomen notas.

*Utilización de las charlas.*—A continuación de cada una de las charlas, el maestro se verá naturalmente impelido a dar a sus alumnos algunas explicaciones complementarias, a hacer su síntesis, a subrayar los rasgos característicos, a responder a las preguntas formuladas por el conferenciante, etc. Cualquiera que sea el uso que estime deber hacer de sus charlas, el maestro

tendrá siempre cuidado de recordar a los alumnos las nociones adquiridas durante esas audiciones. Esta repetición es de una importancia capital.

En el boletín destinado a los maestros se darán las respuestas motivadas a las preguntas formuladas por el conferenciante; sugerencias para la utilización de las charlas, las experiencias prácticas y los deberes que tienen que hacer los alumnos, etc. Esos boletines y los suplementos ilustrados serán presentados de tal suerte que los maestros puedan sacar de ellos fácilmente la indicaciones que se refieran a una misma materia, y constituir así su documentación. En fin—y éste no será el punto menos importante que hay derecho a esperar de esta colaboración—, los maestros no dudarán en hacer partícipe al conferenciante de sus observaciones. Más que nadie, ellos están, en efecto, calificados para juzgar del valor de esas emisiones. Esta crítica podrá hacerse por correspondencia privada, durante jornadas de estudios organizadas con el concurso de las autoridades escolares o también en las conferencias organizadas por los Comités permanentes de estudios radio-pedagógicos.

#### *Apreciación de los resultados.*

##### *Investigaciones metódicas.*

Los peritos han reconocido unánimemente que la radiodifusión, a condición de que se mantenga en su papel de medio de enseñanza complementaria, había definitivamente adquirido derecho de ciudadanía en la enseñanza del primero y segundo grado. Ella permite, en efecto, a los alumnos asistir a cursos originales dados por especialistas; despierta y estimula su curiosidad intelectual; les proporciona nuevas perspectivas y vivifica en cierto modo la enseñanza del maestro y el trabajo de los alumnos. Las consideraciones que preceden nos dispensan de insistir más en esta conclusión.

Para darse cuenta de los resultados obtenidos, a continuación de estas emisiones se podrán realizar informaciones oficiales y privadas cerca de las autoridades académicas y de los maestros de los estableci-

mientos que las han celebrado. Se hace notar, sin embargo, que el empleo del cuestionario es, sobre todo, eficaz cuando no se trata más que de recoger datos. No es lo mismo cuando se exige interpretar los y deducir de ellos conclusiones. Se puede igualmente recurrir a *tests* o pruebas escritas: el conferenciante dicta al micrófono preguntas a los alumnos; éstos tienen que responder durante la sesión. Las respuestas se envían para su estudio. No se trata con esto de organizar un concurso—esta idea debe, por el contrario, ser cuidadosamente descartada—, sino de permitir al investigador obtener respuestas que podrá comparar con las proporcionadas sobre los mismos puntos por clases de alumnos que no han asistido a esos cursos. Los elementos de apreciación recogidos de ese modo no dejarían de ser fragmentarios, las respuestas, a veces demasiado prematuras y, por tanto, superficiales.

Nunca se insistirá demasiado en la necesidad de crear *centros de estudio y de investigación* encargados de elaborar los programas, de asegurar su preparación, de editar los boletines y de establecer el enlace entre los institutos de radiofonía y las administraciones escolares, como existen, por ejemplo, en Alemania y en Inglaterra. Sólo tales centros, agrupando en serie de sesiones de trabajo a peritos en cada una de las ramas de los programas, a representantes de los maestros y de los profesores de los establecimientos que hacen uso de esas emisiones, así como a delegados de las asociaciones de radiodifusión, permiten centralizar y cambiar los resultados de las experiencias y entregarse a investigaciones metódicas, tanto en el campo de la pedagogía como de la técnica de la radiodifusión escolar. Por esto, los peritos no han dudado en hacer de la constitución de centros de esta clase una condición *sin qua non* del éxito de esas transmisiones.

#### *Necesidad de procurarse buenos aparatos receptores.*

Los peritos insisten igualmente en la necesidad de conseguir una buena recepción en las escuelas. Si las emisiones educati-

vas no han dado siempre todos los frutos que hay derecho a esperar de ellas, consiste muy frecuentemente en las condiciones defectuosas de esas recepciones.

Esas condiciones de orden técnico son muy especialmente estudiadas en el informe de la Unión Internacional de Radiodifusión que creemos que debemos recomendar a nuestros lectores. Este informe insiste claramente en la necesidad de agregar a los Comités nacionales de la radiodifusión educativa un grupo de técnicos encargados especialmente del estudio de esos problemas. Ellos guiarán a las autoridades escolares locales en la elección, instalación, manejo y conservación de los aparatos receptores. Con ese objeto, se podrán organizar igualmente exposiciones de aparatos receptores especialmente adaptados a las necesidades de las escuelas, con demostraciones prácticas.

## II

### *Papel de la radiodifusión en la enseñanza superior.*

Para responder de una manera adecuada a la cuestión del empleo de la radiodifusión en la enseñanza superior, conviene hacer una distinción entre los cursos normales de los profesores de facultades y los cursos especiales que sirven de complemento a esta enseñanza regular, de una parte, y los cursos de vulgarización o de extensión universitaria, de otra.

Los peritos que han trazado esta cuestión opinan, en general, que la radiodifusión apenas si tiene empleo en los *cursos normales y especiales de las facultades de ciencias*. Esta enseñanza exige, en efecto, demostraciones en el encerado y exigencias de laboratorio.

*Para los cursos de las Facultades de Letras* (literatura, historia, historia del arte, etcétera), y, en cierta medida, para los cursos de las *Facultades de Derecho*, se admite, generalmente que la radiodifusión puede servir para difundir ciertos cursos de naturaleza propia para interesar al mundo culto. Ocurre lo mismo con los cursos especiales de dirección de estudios: informes bibliográficos, etc., destinados a orien-

tar a los estudiantes en su trabajo personal, a condición de que esas comunicaciones sean poco frecuentes y de corta duración (media hora, como máximo).

Todo el mundo reconoce, por el contrario, que la radiodifusión puede prestar grandes servicios para las conferencias o las charlas de vulgarización sobre problemas de interés general y para los cursos de extensión universitaria. Se insiste para que las Universidades presten más aún su concurso a esta obra de amplia vulgarización científica, cuya propagación les permitirá cumplir mejor todavía su misión educadora y social, gracias al empleo de la radiodifusión.

---

## ENCICLOPEDIA

---

### CENTENARIOS CIENTÍFICOS (1)

por Mr. Edgar C. Smith.

Las memorias del pasado año contienen noticias de muchas conmemoraciones de centenarios de hombres tan notables como Wren, Pepys, Priestley y Trevithick. En algunos casos, las conmemoraciones han ido acompañadas de interesantes exposiciones, de discursos en ellas pronunciados y de la erección de monumentos; pero siempre recordaban al mundo sus bienhechores y daban a la luz nuevas informaciones respecto a las vidas y obras de los conmemorados. Si el único valor de la costumbre de los centenarios conmemorativos fuese el de hacernos recordar los grandes acontecimientos, estarían ya justificados, pues la mayoría de los hombres son como Emerson, que decía: "Yo no puedo ni siquiera oír hablar del vigor personal de cualquier género, de un gran poder de acción, sin sentir una resolución fuerte". Todos somos, además, deudores del que ha muerto al apropiarnos de toda su labor, lo que es puro grano, rechazando lo que ha resultado ser

paja y utilizando sus descubrimientos e invenciones para conseguir nuestros inmediatos propósitos.

Mirando hacia delante una vez más, se encontrará que los centenarios correspondientes a 1934 evocan hombres dignos en todos conceptos de figurar al lado de los recordados durante el pasado año. En su época y en su esfera particular de la actividad, pocos hombres ocupan posiciones superiores entre sus compañeros como Mendeleeff, Langley, Weismann y Haeckel, que nacieron todos hace un siglo, o Jacquard y Telford, que murieron en 1834. Pero todos ellos sólo han construido sobre la obra de sus predecesores, y al comenzar una breve revista de los centenarios científicos de 1934, convendría retroceder al renacimiento de la ciencia y a los días de la Reforma. La figura prominente en la ciencia de aquellos días fué Copérnico (1473-1543), uno de cuyos contemporáneos fué Otto Brunfels, que murió el 23 de noviembre de 1534, hace cuatro siglos. Hijo de un tonelero alemán, Brunfels fué, sucesivamente, monje cartujo, predicador luterano, maestro de escuela en Estrasburgo y médico en Berna. Su estudio sobre las hierbas motivó que fuese llamado resucitador de la botánica, y más adelante, Plumier dió su nombre a un género de plantas. El año de la muerte de Brunfels fué el del nacimiento de otro botánico alemán, Joachim Camerarius (1534-98), hijo del sabio que reformó la Universidad de Leipzig. El alumno de Melancton, Camerarius, recibió el título de Doctor en Medicina en Bolonia, en 1562, se estableció luego en Nuremberg y allí formó uno de los primeros jardines botánicos. Un botánico francés de un centenar de años más tarde fué Denis Dodart (1634-1707), médico de Luis XIV, miembro de la Academia de Ciencias de París y uno de los compiladores de las *Mémoires pour servir à l'histoire des plantes*, publicadas en 1676.

Es muy natural que los primitivos botánicos fuesen reclutados en las filas de los médicos, de donde proceden también algunos de los primeros químicos. Entre los

(1) De la revista *Nature*, número correspondiente a 6 de enero de 1934.

médicos de los siglos xvii y xviii cuyos nombres están indeleblemente escritos en la lista de las autoridades científicas está Georg Ernst Stahl, el bicentenario de cuya muerte ocurrió el 14 de mayo. En 1693, a la edad de treinta y tres años, fue nombrado profesor de medicina, anatomía y química en la acabada de establecer Universidad de Halle, y en 1698 enunció la famosa teoría del flogisto, que abrazada en Alemania, se extendió a Suecia, Francia e Inglaterra, y constituyó un ortodoxo artículo de fe hasta ser derribada por los experimentos de Lavoisier. En 1716, Stahl regresó a Berlín como médico del rey de Prusia, Federico Guillermo I (1688-1740), y allí falleció. Dos hombres menos famosos, que murieron en 1734, fueron los matemáticos franceses Thomas Fantet de Lagny (1660-1734), miembro extranjero de la Real Sociedad y durante muchos años hidrógrafo real en Rochefort, y Peter Polinière (1671-1734), que se considera que ha sido la primera persona nombrada para dar lecciones de filosofía experimental en la Universidad de París.

En 1734 ocurrió también el nacimiento de muchos individuos que consiguieron distinguirse en la ciencia y en la ingeniería. Entre éstos figuran Edward Waring (1734-98), de la Real Sociedad, durante 38 años profesor de matemáticas en Cambridge, "cuyas profundas investigaciones — se ha dicho—no se adaptaban a ninguna forma de comunicación mediante lecciones"; Wolfgang, Barón de Kempelen (1734-1804), mecánico y hombre de Estado húngaro, que inventó un jugador automático de ajedrez, que fué exhibido en Londres, y un procedimiento de imprimir libros para ciegos en tipos realzados; el agricultor francés Francisco Rozier (1734-1793), que en 1771 fundó el *Journal de Physique et d'Historie Naturelle*; Thomas Henry (1734-1816), de la Real Sociedad, químico que primero fué secretario y más tarde presidente de la Sociedad Literaria y Filosófica de Manchester, y Robert Mylne (1734-1811), ingeniero y arquitecto, que está enterrado en la Catedral de San Pablo junto

a Wren. Mylne trazó el Canal de Gloucester y Berkeley, el Ean Brink Cut en Lynn, y el primer puente en Blackfriars (1), tercer puente que cruzó el Támesis en Londres. Durante un período muy largo, fué el inspector de San Pablo.

Volviendo a las defunciones y nacimientos de hace cien años justos, la lista, sin ser completa, tiene muchos nombres familiares. En 1834 murieron Jean Nicholas Peter Hachette (1769-1834), profesor en la Ecole Polytechnique, cuyo desarrollo de la geometría descriptiva de su colega Monge resultó de gran valor para los constructores de maquinaria en Francia; el astrónomo alemán Karl Ludwig Harding (1775-1834), que en 1804 descubrió a Juno, el tercer asteroide, y el físico suizo Charles Gaspard de la Rive (1770-1834), que, como su hijo Auguste de la Rive, fué amigo de Faraday. El 26 de febrero de 1834, Alois Senefelder (1771-1834), el inventor de la litografía, murió en Munich; el 7 de agosto, Joseph Marie Jacquard (1752-1834), el inventor del telar para dibujos tejidos, murió cerca de Lyon; el 19 de agosto el general Henri Joseph Paixhans (1783-1834), un iniciador del perfeccionamiento de la artillería, falleció en Metz, y el 2 de setiembre, Thomas Telford (1757-1834), el gran ingeniero civil, murió en Westminster. Los caminos, canales, puentes y diques de Telford se encuentran en muchas partes de la Gran Bretaña. Después de la muerte de Rennie, fué el jefe reconocido de la profesión ingenieril, y en 1820 fué elegido primer presidente de la Institución de Ingenieros Civiles, cargo que conservó hasta su muerte. Fué enterrado en la nave de la Abadía de Westminster y allí se ve una estatua de él en la capilla de San Andrés.

Hasta ahora, todos los mencionados han pertenecido a las naciones occidentales de Europa, pero la lista de los hombres de ciencia nacidos en 1834 puede muy bien empezar con los nombres de Langley, Young y Powell, de los Estados Unidos. Samuel

(1) Barrio de Londres.

Pierpont Langley (1834-1906) se recordará siempre por sus importantes investigaciones teóricas y prácticas sobre aeronáutica; pero también se distinguió como físico y astrónomo, y durante muchos años fué secretario de la Smithsonian Institution. Su contemporáneo Charles Augustus Young (1834-1908), de la Universidad de Princeton, fué también un astrónomo eminente, y John Wesley Powell (1834-1902) fué, desde 1879 hasta 1902, director de la Oficina de Etnología de los Estados Unidos, y desde 1881 hasta 1894, director de la Sección Geológica de los Estados Unidos.

Estos tres hombres eminentes nacieron en los Estados orientales de América; el nacimiento del gran químico ruso, Dmitri Ivanowitsch Mendeléeff (1834-1907), nos lleva a las llanuras de Siberia, a Tobolsk, donde su padre era maestro de escuela. Mendeléeff nació el 27 de enero (viejo cómputo) o el 8 de febrero (nuevo cómputo) y murió el 20 de enero (v. c.) o el 2 de febrero (n. c.) de 1907. Su vida y su obra fué el asunto de un discurso conmemorativo pronunciado en la Sociedad Química en 1909 por Sir William Tilden. Dos contemporáneos de Mendeléeff, nacidos en Alemania, y famosos como químicos, fueron Carl Schorlemmer (1834-92) y Hermann Johan Philipp Sprengel (1834-1906), quienes, sin embargo, pasaron la mayor parte de su vida en Inglaterra, siendo Schorlemmer el colega de Roscoe en Owens College, en Manchester. Sprengel fué famoso por su invento de la bomba perfeccionada de mercurio y por su trabajo sobre explosivos. Otro hombre de ciencia alemán nacido en 1834 fué Philipp Reis (1834-74), un iniciador del teléfono, cuyo aparato fué utilizado ya en 1865 por D. E. Hughes cuando disertó ante el emperador de Rusia, Alejandro II.

Dejando a los dedicados al cultivo de la ciencia física, para fijarnos en los inventores e ingenieros, debe hacerse mención de Daimler, Wedding, Preece, Woodbury, Vavasseur y Perkins, que nacieron, todos, en 1834. Loftus Perkins (1834-91), nieto de Jacob Perkins, fué un precursor en el empleo del vapor de alta presión en

la navegación, y en 1880 construyó el yate *Anthracite*, que cruzó el Atlántico empleando vapor a 350 libras por pulgada cuadrada; José Vavasseur (1834-1908), a quien se recuerda por su perfeccionado método de atenuar el retroceso de los grandes cañones, así como Walter Bentley Woodbury (1834-85) fué el inventor del Woodburytipo y otras reformas en fotografía. Sir William Preece fué ampliamente conocido como un distinguido ingeniero electricista; Gustav Hermann Wedding (1834-1908) fué miembro honorario a la par que agraciado con una medalla Bessemer del Instituto del Hierro y el Acero, y a Gottlieb Daimler (1834-1900) se le recordará siempre como el colega de Langen, Otto y Maybach, y como el primero que construyó un motor de gran velocidad de combustión interna a propósito para vehículos de carretera.

En conclusión, debe hacerse referencia a los próximos centenarios del nacimiento de Sir John Lubbock, primer Lord Avebury (1834-1913), que aconteció el 30 de abril de 1834, cuyas obras sobre el hombre primitivo y sobre las abejas y hormigas han hecho las delicias de un gran círculo de lectores; de August Weissmann (1834-1914), biólogo alemán, nacido el 17 de enero de 1834, que fué el primero en trazar una coherente teoría sobre la herencia, y de Ernst Heinrich Haeckel (1834-1919), que nació el 16 de febrero de 1834, y a quien se ha considerado como "probablemente el más influyente defensor del Darwinismo."

PIERRE VILLEY

MUERTO PARA SUS HERMANOS LOS CIEGOS (\*)

por M. Albert Mahaut,

Vicepresidente de la Asociación

"Valentín Haüy".

LA CATÁSTROFE.

Cuando, hace ahora exactamente un año, presentaba yo a los lectores del *Valentín*

(\*) Traducido de la revista *Valentin Haüy*, de París, número especial de enero de 1934.

*Haüy* el libro de Pierre Villey sobre Maurice de la Sizeranne, ¿quién habría podido suponer que el hábil escritor tan penetrado del alma de nuestro fundador y notable sucesor suyo, él, Pierre Villey, cuyas excepcionales cualidades constituían la gloria de los ciegos, había de ser arrebatado en trágicas circunstancias?

No necesito recordar la catástrofe del Cherbourg-París en la mañana del 24 de octubre. Habíamos escogido la tarde de aquel día para tratar con nuestro querido Secretario general cuestiones importantes referentes a la vida de la "Association Valentin Haüy, que exigían soluciones urgentes. Nuestro amigo había preparado su programa hora por hora, y ni un solo instante aquella tarde del 24 de octubre debía perderse para la causa de los ciegos. Todos estábamos en nuestro puesto esperando a aquel en cuya autoridad y prestigio acostumbrábamos a apoyarnos. Le esperábamos y no llegaba. Conocedores de su frágil salud, de la que se desconfiaba siempre que anunciaba su venida, no nos inquietábamos mucho. Indudablemente, llegaría un telegrama y sabríamos a qué atenernos. ¡Pero nada!... Sí, suena el teléfono, pero ¡qué noticia tan terrible!... "Grave accidente ferroviario entre Caen y Evreux; Mme. Villey, herida; nada se sabe de su marido."

¡Imposible expresar nuestra ansiedad durante las horas siguientes! Manteníamos comunicación constante con la Red. A pesar de la diligencia de la Administración, no conseguíamos ningún nuevo detalle. Consúltase repetidas veces la lista de muertos y heridos; allí se encuentra siempre entre los heridos el nombre de Mme. Villey, transportada al Hospital de Evreux, pero ni la menor mención de nuestro colaborador. ¿Qué se puede temer, qué se puede esperar?... Una horrible incertidumbre nos oprime el corazón. Un hermano de Pierre Villey parte para Evreux; por él sabemos tres horas más tarde la magnitud de nuestra desgracia: Pierre vive, pero su estado es desesperado, pues se ha fracturado el cráneo. Poco antes de las once de la noche expiraba.

#### LOS ÚLTIMOS MOMENTOS.

Hemos podido, parcialmente al menos, reconstituir el drama desarrollado entre el choque y el horrible desenlace. El hombre que lloramos, víctima de su amor a sus hermanos de infortunio (pues, repito, por los ciegos iba a París), había sido rápidamente atendido. Dos religiosas que venían en un tren que llegó en sentido contrario y había sido detenido, le hicieron la primera cura.

Casi inmediatamente fué llevado a una granja próxima, luego al hospital de Evreux. La suerte quiso que Pierre Villey y su esposa coincidiesen en la misma ambulancia; tuvo bastante conocimiento y valor para tranquilizarla en lo que a él se refería, no preocupándose más que de ella. En el hospital, donde fué instalado lo mejor posible, hizo llamar al capellán, recibió los últimos sacramentos y no pronunció sino raras palabras. Reconoció a su hijo, que había acudido para verle. "Cuidado", dijo al cirujano que quería intentar una operación; fué su última palabra. La operación no llegó a efectuarse, pues la muerte no dió tiempo a ello.

#### LOS CIEGOS, INCONSOLABLES.

¿Hay un dolor más agudo que el que nosotros experimentamos? Sus cuatro enlutados hijos me permitirán comparar nuestra pena con la suya, por cuanto los ciegos han quedado también huérfanos... Era nuestra luz en los momentos difíciles. ¿Quién podrá sustituirle jamás?

A pesar de hallarse lejos, sentíamos constantemente su pensamiento junto a nosotros; en sus relaciones con la obra contribuía con el método que ponía en todas las cosas. Tenía siempre a mano los menores detalles referentes al servicio clasificados en sus papeles, mejor aún, en su cerebro. El cerebro de Villey... ¿Había algo mejor organizado, algo más equilibrado? Y este cerebro potente es el que un golpe tan ciego como brutal, ha destrozado. Pretende el hombre someter la materia, pero cuando la materia se venga, pa-

rece que busca la manera de herir a los seres más selectos, los más indispensables a la Humanidad.

El que deja tan grande vacío entre nosotros formaba parte de estos escogidos. Por su sencillez, su desinterés, la delicadeza de su corazón puesto al servicio de su inteligencia, se ganaba la simpatía de todos, era dueño del afecto de todos cuantos le trataban.

PIERRE VILLEY,

ALUMNO DE LA INSTITUTION NATIONALE

Recuerdo su entrada en la escuela del Boulevard des Invalides, en octubre de 1892; a la sazón tenía trece años. Venía del Liceo de Caen, donde, a pesar de su ceguera (había perdido la vista a la edad de cuatro años) y con la ayuda de su hermano mayor (el actual prefecto de Lyon), había seguido los cursos con brillantez. Ya entonces se expresaba en inglés casi con la misma facilidad que en francés.

Todos comprendieron en la escuela la superioridad de este nuevo alumno. Todos le hicieron objeto de su estimación, compañeros y maestros igualmente. El hecho de que sus compañeros no sintiesen jamás recelo de su distinción y de los favores que, de modo fatal, ésta le proporcionaba (1) es cosa tan excepcional, que hace innecesario cualquier otro elogio. A distancia no se colocó nunca, y el hombre continuó siendo lo que había sido el niño en relación con los más humildes. Será siempre el amigo de sus antiguos condiscípulos. Muchos se dirigirán a él, le solicitarán, le pedirán ayuda. El responderá siempre, dará de corazón, abrirá su bolsa, y con largueza... Y dará como hermano de la misma familia, discretamente, cordialmente, nunca a modo de protector que condesciende.

Adolescente apenas, gana a su familia para la causa de los ciegos. La adhesión de Pierre Villey a nuestros trabajos data de antiguo.

No tenía aún 14 años cuando le interesaba yo por primera vez en nuestros trabajos. No era nada difícil adivinar en este muchacho el hombre de gran corazón que había de llegar a ser. Espontáneamente, con solicitud, me obligó a llevar mis esfuerzos de propaganda a Caen, su pueblo natal, garantizándome la mejor acogida y el más firme apoyo de sus padres. Gracias a ellos tuvo éxito un acto público, que repercutió en provecho de nuestra obra. Pierre Villey había aleccionado de tal modo a su familia, que todos, grandes y pequeños, se propusieron festejarme, y cuando después, en nombre de nuestra *Association*, he tenido algún asunto con cualquiera que llevase el apellido Villey (todos los hijos de aquella familia, niños en 1894, llegaron a ser notabilidades), he estado seguro de encontrar un amigo solícito, que no conocía obstáculos para la solución propuesta, fuera de la importancia que fuese. ¡Qué seguridades de fidelidad nos han dado nuevamente todos ellos y en los términos más conmovedores, desde que su hermano no está con ellos...! Con delicadeza infinita se ponen más que nunca a nuestra disposición, preocupándose tanto como nosotros mismos del desconcierto producido en nuestras filas por la pérdida de nuestro querido Secretario general. Había convertido a los suyos en preciosos auxiliares de nuestros trabajos, y es un consuelo para nosotros hoy hallar en ellos la supervivencia de quien jamás podremos sustituir.

EL ESTUDIANTE.

¿Qué haría Pierre Villey en las clases de la *Institution Nationale*? Pronto se comprendió que, por sus recursos familiares, su educación, sus notables facultades, su destino sería muy diferente que el de los jóvenes con quienes se rozaba. Comenzó, como ellos, el estudio de la música. Sin sobresalir de modo especial, aunque tampoco se mostrase refractario, hizo en ella rápidos progresos. No obstante, aquél no era su camino. Era apto, sin duda alguna, para los estudios intelectuales. Se le concedió un régimen de excepción: la *Institu-*

(1) El Censor Arthur Coquard, reputado compositor, le recibe en su familia como a un hijo.

ción fué para él como su casa paterna, y se le envió al Lycée Buffon, donde, en todas las disciplinas, fué clasificado entre los primeros. Laureado repetidas veces en público concurso, terminó sus estudios secundarios en el Lycée Louis-le-Grand, de donde salió provisto de todos sus diplomas en 1900. Ninguna altura le estaba vedada: solicita su ingreso en la Escuela Normal Superior (1), entra en ella en quinto lugar, saliendo el primero; obtiene una beca en el Institut Thiers, donde prepara su tesis sobre Montaigne.

Otros darán a luz la carrera literaria del gran comentador de Montaigne. Bástemelo decir aquí que esta tesis fué un éxito en el mundo de las letras. La gran Prensa dió cuenta de él. Un artículo revelador, en la *Revue des Deux Mondes*, descubrió al público los notables procedimientos de ingeniosidad gracias a los cuales el autor ciego realizó su trabajo de gigante. El nombre de Villey quedará para siempre unido al de Montaigne, cuya alma escudriñó hasta en sus más mínimos repliegues, y nadie se extrañó de que al celebrarse el cuarto centenario del gran humanista, su crítico, ya Caballero de la Legión de Honor, fuese promovido al grado de Oficial.

Hemos aplaudido tanto más esta condecoración, cuanto que fué la primera, la única hasta ahora, concedida a un ciego de nacimiento.

A medida que Pierre crecía, se estrechaban los lazos que habían de unirle tan íntimamente a la "Association Valentin Haüy". Maurice de la Sizeranne no tardó en presentir en el joven estudiante un campeón de altura para la causa a la cual él mismo prestaba tanto brillo. Pero si Maurice de la Sizeranne se esforzaba en utilizar en servicio de su obra las cualidades de quien se le acercaba, lograba mejor aún comprender las necesidades de un ciego y encontrar el modo de satisfacerlas. Viendo en el joven Villey un espíritu selecto,

llamado a una gran cultura, se ingenió para procurarle en Braille las obras que le hacían falta. Movilizó los mejores copistas de su biblioteca, casi naciente, para poner en puntos griego, latín, manuales, tratados de todas clases, que contribuyeron poderosamente a la formación superior de quien había de hacer honor a la corporación de ciegos. Este, entre todas las actividades de la "Association Valentin Haüy", tuvo siempre marcada predilección por esta biblioteca, de la que se había beneficiado y a la que había de devolver centuplicado el bien que de ella había recibido.

#### PIERRE VILLEY CREA UN HOGAR Y LLEGA A SER PROFESOR DE FACULTAD.

El *Institut Thiers* no le proporcionó solamente los recursos intelectuales necesarios para sostener su tesis, le facilitó también el hallazgo de la que debía ser la compañera de su vida. La *Fondation Thiers* estaba entonces dirigida por M. Emile Boutroux, el gran filósofo cristiano que ilustró nuestra Universidad de Francia. Como en otra ocasión en el Boulevard des Invalides, el pensionista ciego de Rond-Point Bugeaud se hizo amigo del Director, fué recibido en la familia como hijo; allí se hallaba una joven, y los dos jóvenes no tardaron en sentirse destinados el uno para el otro.

La señorita Louise Boutroux consintió gozosa en ser la esposa del discípulo predilecto de su padre. La unión fué bendecida en 1910.

Pierre Villey, tras una breve permanencia como profesor en la Facultad de Clermont-Ferrand, era nombrado para la Facultad de Caen, la cual no abandonaría ya. Secundado por su esposa, su colaboradora en todo momento, verdaderamente elegida por Dios, que de tal modo estaba provista de todos los dones necesarios para su hermosa misión, Pierre Villey desplegó su genio de educador, de erudito y de tíflofilo.

En estos momentos en que escribimos, Mme. Villey se halla aún tendida en su lecho de dolor, lejos de su hogar, víctima de su propia caridad; se restablece a du-

(1) Véase el artículo que J. Bédier ha dedicado a Pierre Villey en la *Revue des Deux Mondes*, 15 de noviembre de 1933.

ras penas, llorando al que era su razón de ser en la vida. Guárdela Dios para que termine su obra familiar. En ella encontrarán sus cuatro hijos luz y fuerza, refundidas en el recuerdo de aquel que ya no existe. Desde el nefasto accidente que ha hecho correr tantas lágrimas, nuestro pensamiento, lleno de afecto, no se ha apartado de ellos. Participamos de su aflicción, no dejando de invocar al Dios de los afligidos para que derrame sobre ellos el único consuelo eficaz en su prueba cruel.

Pierre Villey manejaba en su cerebro graves y múltiples asuntos. Cada rama de su actividad hubiera bastado para llenar una vida. A nosotros nos daba la impresión de ocuparse exclusivamente de los ciegos; sus discípulos, que le adoraban, sus editores con quienes trataba, tenían la misma impresión, cada uno en su esfera.

Pierre Villey lo era todo, en realidad, para su familia, todo para los jóvenes inteligentes que él formaba, todo para sus escritos, todo para sus hermanos de infortunio...

#### LE PLUMA DE VILLEY, AL SERVICIO DE LOS CIEGOS

Después de doctorarse, libre de las zozobras de los exámenes, pudo colaborar más eficazmente en los trabajos de la Obra. Su primer cuidado fué escribir, con objeto de propagar ideas sanas, sobre la capacidad de los ciegos, acerca de su valor social, poniendo de manifiesto los recursos insospechados que no utiliza el vidente, muy rico por sus otros sentidos, pero que bien aprovechados por los ciegos, suplen en gran parte la carencia de ojos. Todo esto y otros mil aspectos de la psicología de los ciegos está tratado de mano maestra en un libro que impresionó al público en general y especialmente a los intelectuales: *Le monde des aveugles*. Poco después, sintió la necesidad de instruir a los educadores de los ciegos y publicó una segunda obra más técnica: *La Pédagogie des aveugles*. Expone en ella toda una doctrina, basada en su experiencia personal y en los métodos más modernos ten-

ientes al desarrollo de todos los sentidos. Algo después amplió el campo de sus investigaciones, y dió a luz su tercera obra, constituida por luminosos documentos sobre la situación de los ciegos en todo lugar y tiempo: *Les aveugles dans le monde des voyants* (1).

Pero la obra en que verdaderamente puso toda su alma, la que será siempre su obra maestra, entre sus escritos tiflófilos, es precisamente la que he mencionado al comienzo de este artículo: *La vie de Maurice de la Sizeranne* (2).

Cuánto reconocimiento debemos a nuestro gran erudito por haber publicado tantas páginas que son un verdadero tesoro abierto para todo el que quiera conocer a fondo los asuntos tiflófilos.

#### PIERRE VILLEY, NUESTRO PORTAVOZ

Si su pluma fué un maravilloso instrumento para esclarecer la opinión acerca de los ciegos, no menos eficaz fué su palabra. Qué admirable plática nos hizo al día siguiente de la presentación de su tesis que acababa de hacerle célebre. Era en mayo de 1908. La *Institution Nationale* ofrecía una sesión musical a la juventud universitaria de Fontenay, Sèvres, Elèves de Saint Cloud, de las Escuelas Normales de Auteuil, de Batignolles, etc.

Era el momento oportuno para exhibir nuestro nuevo doctor. Tomó la palabra durante la sesión y fué cosa deliciosa. Mucho tiempo después he hallado, y encuentro aún hoy, en el recuerdo de sus auditores, profundas huellas de la palabra de nuestro Presidente.

Cuántas veces se ha apelado a su concurso para tal o cual acto público en favor de los ciegos... Se prestaba a ello, pero no tan a menudo como hubiera deseado. Tenía que contar con la fragilidad de sus cuerdas vocales. Bastantes veces tuvo que

(1) La afición de Pierre Villey a las estadísticas se ejercita en todas sus obras, especialmente en *Les aveugles dans le monde des voyants*.

(2) V. el *Valentin Haüy* de diciembre de 1932.

excusarse, cosa que le traspasaba el corazón. Si Pierre Villey hubiera poseído una garganta más fuerte, el maestro de Caen hubiera sido, de seguro, llamado a París, Su puesto estaba en la Sorbona o en el Collège de France. Pero los grandes locales le estaban vedados. Le hemos tenido, sin embargo, en todas las ocasiones importantes: en el centenario del nacimiento de Braille, en 1909, y poco después, en el centenario de la invención de su sistema. Aun estando en una provincia, él se prodigaba. Se le oyó en Chalons-sur-Saone, en Mâcon, en Lyon, en Burdeos, y qué sé yo. Su reputación universal le obligaba a contestar a las solicitudes de países extranjeros: Suiza, Italia, Alemania, Bélgica. Fué incluso a América, a pesar de su poca salud, en la primavera de 1931. Inglaterra atraía principalmente su atención. Consagró numerosas páginas en sus publicaciones tiflófilas. Naturalmente, su presencia era requerida en todas las organizaciones oficiales. Miembro del "Comité Permanent d'Etude et d'Assistance aux Aveugles", desde su establecimiento en el Ministerio del Interior en 1908, no tardó en ocupar un lugar de la "Comission Consultive de la Institution Nationale", del Boulevard des Invalides. Desempeñó un papel preponderante en todos nuestros Congresos, y trabajaba activamente en la organización del Congreso Universal que deberá celebrarse en Amsterdam, en 1935. Finalmente, su prestigio, su autoridad en materia filantrópica, le valió un lugar en el Conseil Supérieur de l'Assistance Publique, cuyo objeto es estudiar los asuntos de interés general en materia benéfica.

Tomó siempre como base la idea de que la beneficencia ha de ser moralizadora, y consiguió poner en circulación varias opiniones favorables a los ciegos en este sentido.

Pierre Villey, según la tradición de la "Association Valentin Haüy", dió gran importancia a la profilaxis de la ceguera. Atento, según hemos dicho, a lo que se hacía en el Extranjero, procurando la adaptación inteligente a nuestras necesidades nacionales más que a la servil imitación, obser-

vó los esfuerzos hechos en América, en Inglaterra, en Alemania, en favor de los débiles de vista. En 1925 presentó una memoria sobre este asunto al "Conseil Supérieur de l'Hygiène et de l'Assistance", y cuando, en 1932, se reunió en París el Congreso de la Liga para la Profilaxis de la Ceguera, cuyo Presidente es el Prof. de Lapersonne, Pierre Villey fué quien habló en nombre de Francia (1).

Contribuía con un concepto claro al estudio de todos estos problemas, buscando el verdadero interés de los enfermos, cuya causa tomaba sobre sí, desconfiando siempre de las soluciones absolutas y dispendiosas, así como de las generalizaciones demasiado amplias.

#### PIERRE VILLEY, HOMBRE DE BIEN.

No había de ejercerse su actividad sólo en los dominios de las ideas, pues existió en nuestro planeta una figura inolvidable con derecho al reconocimiento de los ciegos. Tras el intelectual, el erudito, había algo más: el hombre de corazón, el hombre de probado amor hacia los otros hombres, hacia los que padecen, los que sufren, y particularmente los ciegos. Digo "particularmente", no "exclusivamente". Llegan hasta nosotros testimonios que demuestran cómo su caridad, su solicitud hacia el prójimo no conocía límites. Parecía como si no pudiera acercarse a un ser humano sin ver en él un hermano con necesidades, aspiraciones, y siempre con más o menos dificultades que satisfacer. Pierre Villey, hombre de bien, con su sagacidad penetrante, colocábase en el lugar de los demás, y siempre ponía algo de lo suyo. Así sucedía que él era el amigo, con frecuencia el confidente, de sus discípulos. El *Echo de Paris* ha publicado una preciosa carta de un estudiante de Caen. Este aspecto de su con-

(1) Pierre Villey preconizaba para los ambliopes (débiles de vista) no costosos internados, sino externados en las grandes ciudades, donde es fácil la selección. Tuvo la satisfacción de registrar antes de su muerte la apertura en París de una primera clase para débiles de vista.

ducta nos es en parte desconocido, de tal modo era discreto; pero nos queda revelado por más de un rasgo conmovedor aunque secreto.

#### PIERRE VILLEY Y LOS MASAJISTAS CIEGOS

No le resultaba tan fácil rodear de misterio su generosidad para sus hermanos de infortunio. Mostró, desde luego, interés por nuestros masajistas. En cuanto pudo dedicarse a ello, ocupóse, hasta apasionarse, en la cuestión del masaje. Basándose en la técnica del Dr. Fabre, el maestro masajista ciego, organizó esta enseñanza y fundó, en la "Association Valentin Haüy", el curso, que no ha dejado de prosperar, obteniendo magníficos resultados. Para procurar salida a los nuevos aprendices masajistas, se dedicó a viajar, y viajar a su costa. Durante algunos meses, recorrió las ciudades, visitó médicos, tratando de crear en todas partes una opinión que simplificara de modo singular el comienzo de los beneficiarios de esta propaganda. Durante largo tiempo, Pierre Villey fué el protector, el jefe espiritual en cierto modo, de los masajistas ciegos. Una de sus últimas satisfacciones fué la instalación, por la "Association Valentin Haüy", de un centro de masoterapia verdaderamente digno del Dr. Fabre y de sus distinguidos sucesores. El Dr. Monthus ha tenido gran parte en esta mejora; nuestro querido Pierre Villey le quedó infinitamente agradecido.

#### PIERRE VILLEY Y LOS PEQUEÑOS COMERCIANTES CIEGOS.

Tras los masajistas, propúsose ayudar a pequeños comerciantes, y lo practicó de la mejor manera. Sabía que algunos de sus colegas tenían aptitud para los negocios, pues los que conseguían dedicarse a operaciones comerciales, llegaban a darles vuelo inesperado. Ya entonces se había hecho la prueba; algunos ciegos, gracias a circunstancias favorables, habían conseguido convertirse en ricos mercaderes, especialmente en el comercio de pianos y de música. Pierre Villey buscó entre los jó-

venes ciegos comerciantes cuyo avance era difícil por cuestiones pecuniarias, la marcha de los cuales quería acelerar. Un día me dijo—era esto en la primavera de 1911—: "Búsqueme una afinador joven, falta de recursos, pero capaz de montar una tiendecita de instrumentos de música; yo seré su comanditario". El ensayo se hizo con un modestísimo, pero excelente muchacho, que vivía con su familia en Bar-le-Duc. El padre era zapatero de viejo; la madre, mujer de su casa, muy amante de su hijo, tenía ciertas cualidades de organizadora. Esta buena gente se apresuró a aceptar la proposición. Dividieron el taller del padre en dos partes: a la derecha, las partituras, los violines y las trompetas; a la izquierda, el calzado. El pintoresco cuadro gustó a la gente. Primero los vecinos, luego los habitantes de los barrios circundantes fueron allí a comprar piezas de música, clarines y harmónicas. Muy pronto nuestro ciego se convirtió en una personalidad, de lo que estaba satisfechísimo.

Por desgracia, murió; reemplazólo un sustituto ciego, continuó el negocio, lo desarrolló; hoy es dueño de una tienda bien provista, en un local de buena apariencia. ¿Quién sería capaz de sospechar el origen de aquel negocio?

Otros muchos principiantes se han beneficiado con la generosidad del amado desaparecido. Prodigaba su favor a cuantos se le acercaban, siempre a base de sus propios recursos. Todos sus premios académicos (ha obtenido más de uno) dedicólos a este objeto; pero el elevado total de tales sumas, debidas a su mérito, estaba muy lejos de igualarse con su liberalidad. No eran sus deudores solamente comerciantes, sino toda una turba de ciegos, infelices apurados, padres de familias numerosas, ciegos de Caen, y sus antiguos condiscípulos de la *Institution Nationale*, a cuyas solicitudes, digo, jamás se resistía. No esperaba a que se lo pidieran, añado yo. Cuántas veces me ha escrito: "tengo fondos; si conoce un caso interesante, no deje de indicármelo." Yo buscaba, naturalmen-

te, personas de solvencia, de quienes pudiera esperarse la devolución del préstamo; pero él no se preocupaba mucho, y cuando yo le prevenía contra una decisión aventurada, hacía poco caso de mis consejos de prudencia y abría su caja como si ésta fuera inagotable.

PIERRE VILLEY, SECRETARIO GENERAL  
DE LA "ASSOCIATION VALENTIN HAÜY".

Secretario general ya de hecho, llegó a serlo también titular. ¿No tenía un hombre así títulos suficientes para suceder a Mauricio de la Sizeranne? Cuando en mayo de 1918, víctima de una grave congestión, nuestro venerado fundador tuvo que abandonar su misión, todas las miradas se volvieron hacia Caen; en boca de todos estaba el nombre de Pierre Villey como único hombre capaz de empuñar el timón de nuestra nave. Allá fuimos en comisión, decididos a convencerle. Declinó, desde luego, nuestra invitación, por delicadeza, sin duda, por deferencia a M. de la Sizeranne, que, aun reducido a la inactividad por la enfermedad, debía conservar el título de Secretario general, prometiendo, sin embargo, aumentar su colaboración en la obra, con la que, en efecto, multiplicó sus relaciones. Poco a poco fué tomando a su cargo la dirección de los servicios referentes a la parte intelectual de la "Association Valentin Haüy". No es cosa tan fácil hablar de la importancia del establecimiento de la calle Duroc: la biblioteca, la imprenta, las publicaciones, los periódicos, el museo en donde se han coleccionado los aparatos de que se han servido los ciegos en todo tiempo. La Biblioteca Valentin Haüy, que tiene en depósito los archivos más ricos del mundo entero sobre documentación tiflófila; la Comisión de estudio, que examina y juzga los nuevos inventos; el servicio de correspondencia con países extranjeros; en tan vastos dominios, Pierre Villey movíase a su sabor. Provoca iniciativas para enriquecer el bagaje intelectual y profesional de los ciegos. Mencionadas quedan las relaciones de

Pierre Villey, siendo estudiante, con nuestra Biblioteca Braille, de que tanto se sirvió. Sus lazos con esta obra, una de las más bellas de la "Association Valentin Haüy", no cesaron de estrecharse; así, cuando tuvo que desempeñar un papel más activo en la dirección de nuestros servicios, consagróse, desde luego, al desarrollo de esta rama, a la que dió considerable impulso. Nadie mejor que él para guiar a los copistas en la selección de libros para transcribir. Sin abandonar ninguna de las otras partes de la Obra, indudablemente dió a ésta su predilección. Se ha duplicado el número de volúmenes en circulación; son hoy ya más de cien mil. Para hacer frente a los crecientes gastos necesarios a la conservación, el transporte de los libros, la clasificación de las fichas, la correspondencia con los lectores, solicitó y obtuvo numerosas subvenciones de los departamentos y comunas. Puede afirmarse que este esfuerzo ha transformado la vida intelectual de los ciegos, ya sigan estudios de especialización o pretendan solamente adquirir cultura general.

Otra tarea que entraba por completo en sus atribuciones era la de dirigir nuestros periódicos, el *Valentin Haüy*, en particular, que casi llevaba él solo, y que constituía su gran preocupación. El, a quien ningún trabajo asustaba, le hemos oído lamentarse del que este periódico le proporcionaba. La necesidad de entregarle a fecha fija, de llenarlo con asuntos interesantes, era su pesadilla. "¡Quién me libraré de ella!", ha llegado a decir en un momento de desaliento... Nadie se sentía con talla suficiente para sustituirle; sentíase uno pequeño ante su maestría, y él seguía revisando todos los periódicos del mundo para tomar nota del más insignificante dato referente a los ciegos en cualquier parte. Su trabajo no era inútil. El que quiera informarse sobre sucesos universales concernientes a los ciegos durante el período de administración de Pierre Villey encontrará los informes que busque. La colección de *Valentin Haüy*, juntamente con los ricos archivos de la *Associa-*

tion, servirá de enciclopedia, respondiendo así, por otra parte, al propósito de su fundador Maurice de la Sizeranne.

De este modo, Pierre Villey asentaba cada vez mejor su pie en el gobierno de la sede central, de la que tenía en su mano los principales hilos. Y llegó el momento en que no le era posible desentenderse. De hecho ya era Secretario, y había de tomar oficialmente posesión del cargo; M. de la Sizeranne no existía ya; M. Vielhomme, Secretario general adjunto, acababa también de desaparecer. Se imponía una reorganización, con Pierre Villey al frente y el teniente Renaux, perfecto adjunto. Hecho nuestro a consecuencia de una herida en la guerra, M. Renaux supo asimilarse nuestra doctrina como si hubiese sido alimentado con ella desde su infancia. Teniente en el ejército, ascendió a coronel al pasar a la "Association Valentin Haüy", siendo un verdadero complemento, para el que tuvo siempre por su gran jefe.

No es preciso decir que Pierre Villey tomó en serio su nombramiento. Desde entonces—esto era a fines de 1925—multiplicó sus viajes a París y la correspondencia con nosotros. La actividad desplegada por él es cosa difícil de imaginar. ¿Se le ha visto acaso faltar ni a una sola sesión del Consejo? Estudiaba de tal modo los asuntos y exponía con tal claridad sus ideas, que arrastraba todos los votos. Este hombre de letras era al propio tiempo hombre de acción. "En avant, toujours mieux", era su divisa. Sí, continuó intensificando los órganos vitales para la Obra, mejorando notablemente el material de la imprenta (1), hoy de producción enorme; dedicóse cada vez más a los asuntos de patronazgo, cuya primordial importancia comprendía. En el Extranjero, como en Francia, las circunstancias hicieron de él el protector de los ciegos intelectuales, de los estudiantes jóvenes (más numerosos de lo que se cree), de los ciegos tardíos que habían ocupado un puesto universitario o

en profesiones liberales. Cuántas veces ha levantado el ánimo de seres que se juzgaban anonadados por la ceguera, volviéndolo a ponerlos en equilibrio. El los ayudaba mucho por sí mismo; pero más aún por medio de su influencia. Esta era poderosísima en el Cuerpo docente. Muchos de nuestros trabajadores, teniendo algo en relación con las escuelas, ya fuese como profesores de música, afinadores, etc., se dirigían a él como la cosa más natural, para que los recomendase, y sus recomendaciones, que no negaba jamás, abrían las puertas, y aun determinaban el favor.

Evidentemente, este hombre, no sólo hacía mucho por sí mismo, sino que conseguía cuanto se proponía de los demás. Solía llamarnos la atención sobre tal o cual persona para la cual deseaba un mayor interés, e insistía con frecuencia, preocupándose por el uno o por el otro. Animaba a todos apreciando sus esfuerzos, pero sostenía que no se debe pensar nunca que se ha hecho bastante. ¡Sabía dar tan bien el ejemplo! Pero en Caen y todo su departamento es donde resultaba un verdadero protector... Llegábase a todos, aun a los de las más humildes esferas. Sí, todos los ciegos de Calvados eran sus hijos en cierto sentido; no es posible decir con cuánto interés se ocupaba de su suerte y cómo los socorría. No podía soportar el menor retraso a una respuesta, una gestión necesaria. Se veía que él vivía con ellos y para ellos. Sin embargo, ¡tenía tanto que hacer en otras partes! Nos dolía verle dejar sus múltiples ocupaciones para atender a tan pequeños detalles; pero cuando intentábamos refrenarle, respondía sencillamente: "Ça, c'est mon repos".

Qué desolación debió producir su trágica desaparición entre nuestros patrocinados. De todas partes nos han llegado cartas altamente conmovedoras. No pudiendo citar todas, damos las siguientes líneas, trazadas por una pobre sorda y ciega. Muestran el lugar preeminente que Pierre Villey ocupaba en el corazón de los ciegos más modestos, y aun de los que jamás se habían llegado a él. He aquí lo que escribe:

(1) El mismo Pierre Villey imaginó una estenografía en relieve, e hizo una máquina destinada a producir rápidamente esta escritura, contribuyendo a ello largamente con su propio dinero.

“Siento una gran necesidad de decir a alguien la pena profunda que experimento por la muerte brutal del querido amigo de todos los ciegos, nuestro pobre y buen M. Pierre Villey. Fué ayer leyendo muy tranquilamente mi *Louis Braille* cuando supe la horrorosa noticia; porque no había oído hablar del grave accidente ferroviario, y leía mi periódico a la mesa (pues mi mal oído no me permite tomar parte en la conversación general), y puede usted suponer mi estremecimiento al hallar en la hoja suplementaria: “Mort de Pierre Villey”... Leí aquello cuatro veces antes de convencerme de que leía bien... Y luego... lloré... Sí, como si hubiera perdido un padre o un hermano... Nunca me he sentido tan emocionada, y, sin embargo, ¡hemos perdido tantos buenos amigos en nuestro querido mundo de los ciegos! Además, también el buen M. Villey se interesaba por nosotros los sordos ciegos... ¿Qué será de nosotros si Dios nos lleva todos nuestros amigos, todos nuestros bienhechores? Y éste era tan competente en todo... Nunca he tenido el gusto de ver a M. Villey ni de escribirle; pero he leído sus escritos, sus hermosos artículos, su admirable obra sobre M. de la Sizeranne. Estas lecturas me han hecho mucho bien, me han consolado muchas veces, y hasta creo que me han hecho mejor. Sí, necesitaba desahogarme y acercarme más a nuestra gran familia de los ciegos.”

Esta carta expresa exactamente el dolor de nuestros patrocinados. La tragedia del 24 de octubre ha sumergido verdaderamente a los ciegos en la consternación.

## INSTITUCION

### NOTAS DE EXCURSIONES (\*)

por los profesores D. José María Giner  
y D. José Ontañón.

(Continuación.)

### El Pardo.

18 de abril y 3 de mayo de 1925.

(Véase el número 871 del BOLETÍN, correspondiente a noviembre de 1932.)

### Pinto, Aranjuez y Yepes.

10 de mayo de 1925

Salida de Madrid, en autobús, a las 7,30 de la mañana. Fuimos por la carretera de Andalucía, haciendo la primera parada en Pinto, para ver su *Iglesia parroquial*, que es una obra estimable del siglo XVI, de estructura gótica, planta de salón y decoración y detalles del Renacimiento. Su retablo mayor, grecorromano, tiene pinturas de Blas de Prado. Hay otros dos retablos grecorromanos en el crucero, de buena línea; el del lado del Evangelio, de 1629. Tiene, además, el pueblo un *Convento de monjas*, del siglo XVIII; la *Torre*, donde estuvo encerrada la princesa de Eboli, y varias casas nobiliarias, de mampostería concertada y portada de piedra.

La segunda parada fué en Aranjuez, donde dedicamos la mañana a ver el *Palacio*. (Véase el núm. 862 del BOLETÍN, correspondiente a febrero de 1932.)

Continuamos por la carretera de Andalucía. A 3,5 Km. está la bifurcación de la carretera a Mora, y en ésta, a 10,5 kilómetros, se encuentra Yepes. Hasta llegar a Ciruelos, la carretera atraviesa un dilatado valle de terreno terciario, donde se ven olivares entre la tierra de pan llevar. Una vez pasado este pueblo, se entra en una extensa meseta, la “mesa de Ocaña”, fértil y cultivada, donde las viñas y los olivares se suceden.

(\*) Véase el número anterior del BOLETÍN.

*Ciruelos* está asentado en un corte de barranco, en el límite de la referida meseta, y en la parte alta del pueblo está la *Iglesia*, que consta de una nave, con contrafuertes, gótica, del siglo xvi, de tres tramos, con bóvedas estrelladas, cuyos baquetones descansan en ménsulas, excepto en el arco toral, que tiene dos pilares Renacimiento, acaso un refuerzo posterior. El retablo, de este último estilo, está repintado. En el centro de la nave, una lápida, con verja del siglo xviii, mandada poner por Carlos III, indica el lugar donde, hasta 1768, estuvo sepultado San Raimundo de Fitero, fundador de la Orden de Calatrava, cuyas reliquias se custodian hoy en el Ocho de Toledo.

*Yepes*.—Su silueta aparece, desde que se deja *Ciruelos*, dominada por la gran masa de su iglesia. Es éste uno de los pueblos más dignos de ser visitados, de los alrededores de Madrid, no solamente por su interés artístico, sino también por lo pintoresco de su caserío y por el paisaje que lo encuadra. Aun tiene en pie parte de su *Muralla*, probablemente del siglo xv, aunque de origen anterior; una puerta, con su matacán (la "Puerta de la Villa") y otras dos, no tan bien conservadas, que se denominan "el Portillo" y la "Puerta de Toledo". Cerca de la primera, en medio de las eras, se alza el *Rollo*, del siglo xv, con adorno de bolas y vástago poligonal, cercenado en su remate. El pueblo es grande y espacioso, con aire manchego, casas bajas, de patios y corrales, y con cuevas (cuya visita se recomienda) que tienen todo el pueblo minado, las cuales guardan en grandes tinajas de Colmenar de Oreja, el célebre vino que da la tierra. También hay silos, en la parte del barranco que da a Saliente.—*Iglesia parroquial*. Espléndida obra del siglo xvi, de proporciones catedralicias, de estructura gótica, enmascarada por el Renacimiento, al exterior y en el interior. Los escudos de los arzobispos toledanos Tavera y Silíceo, colocados en los contrafuertes, fechan el monumento entre los años 1534 y 1557, en que aquéllos rigieron la archidiócesis. Es de planta de salón y de tres naves de la misma altura.

Los flameros sustituyen a los pináculos y corre por toda la iglesia una galería alta, con ventanitas sobre las naves. Tiene dos portadas barrocas, bastas, empotradas en el marco primitivo del Renacimiento: una a los pies y otra en el muro lateral que mira a la plaza. La torre, de Renacimiento en su parte inferior, tiene preciosas ventanas. El cuerpo alto es añadido y está coronado por un chapitel de pizarra. Al interior, las naves están divididas por seis pilares muy esbeltos, que sostienen unas bóvedas estrelladas, decadentísimas. En el espesor de los muros se abren capillas, contemporáneas de la obra, dos por tramo, muchas de ellas con buenas rejas del tiempo. El coro, en el centro, es insignificante. Al lado Norte hay añadido un Sagrario churrigueresco, donde, bajo un templete dorado, se venera un Cristo, patrono de la localidad. El Retablo mayor, de 1616, tiene grandes proporciones y traza grecorromana: tres pisos, bien gallardos, y remate. En él, seis cuadros de Luis Tristán: nacimiento, Adoración de los Reyes, Flagelación, Jesús y la Verónica, Resurrección y Ascensión, con gran influjo del Greco. Los compartimentos centrales son de escultura; sobre el tabernáculo, la Asunción, San Benito (titular de la iglesia) y, en lo alto, la Crucifixión. En la Sacristía, donde hay buenos espejos del siglo xvi, existe un San Francisco, repetición del de Mena, de la Catedral de Toledo.—Hay también en el pueblo un *Convento de Carmelitas*. Su iglesia es de una nave, del siglo xvii, adornada con retablos churriguerescos.

Comimos en el Parador, muy típico, con un patio lleno de carácter. Visitamos varias cuevas y volvimos, por la misma carretera, haciendo nueva parada en Aranjuez.

Llegada a Madrid, 8 de la noche.

(Continuará.)

## LIBROS RECIBIDOS

González Blanco. (Edmundo).—*El Jurado en la picota o Los folletos de Imperator*.—Artículo de crítica bibliográfica, por... Primera edición revisada.—Madrid, Establecimiento tip. de la Sociedad de Publicaciones Históricas, 1914.—Folleto, 4.º.—(Don. de D. H. Giner.)

Rubio y Ors (Joaquín).—*Lo Gayter del Llobregat*. Poesías de O...—Ab un prolech de D. Marcellí Menéndez y Pelayo.—Edició políglota.—Volum según.—1841-1858.—Volum tercer.—1858-1889. Ab un prolech de D. Joan Sardá.—Barcelona, Estampa de Jaume Jepús y Roviralta, 1889.—2 volúmenes 4.º.—(Don. de íd.)

Labra (Rafael M. de).—*La política colonial y la Revolución española de 1858*. Discurso pronunciado en el Congreso de los Diputados españoles el 10 de julio de 1871 por D...—Madrid, Tipografía "Sindicato de Publicidad", 1915.—4.º.—Don. de ídem.)

Piełtain (Cándido).—*La isla de Cuba desde mediados de abril a fines de octubre de 1875*.—Por el teniente general...—Madrid, 1879. "La Universal", est. tip. a cargo de E. Viota.—4.º.—(Don. de íd.)

*Annales de Sociologie*.—Publiés par la Sociéte Belge de Sociologie.—Première année. 1900-1901.—Paris, Félix Alcan, éditeur.—Bruxelles, Oscar Schepens et Cie., éditeurs, 1903.—4.º.—(Don. de íd.)

*Código orgánico y reglamentario de educación común*.—Edición oficial.—Santo Domingo, Imp. "La Cuna de América", 1915.—4.º.—(Don. de íd.) 2 ejemplares.

Ceballos Teresí (J.).—*Estudios económicos y financieros*.—Un Panamá tributario. Los negocios de los tranvías de Barcelona.—Escritos de 9 y 19 de diciembre de 1915, presentados en los expedientes que se están tramitando sobre ocultación y defraudación en los impuestos de derechos reales y utilidades.—Por...—Segundo volumen, Madrid, Imprenta de Isidoro Perales, 1916.—4.º.—(Don. de íd.)

Royo Villanova (Antonio).—*Bolchevismo y Sindicalismo*. Conferencia del Exce-lentísimo Sr. D....—Sesión del día 20 de

diciembre de 1919.—(Publicaciones de la Real Academia de Jurisprudencia y Legislación. VIII.)—Madrid, Editorial Reus (S. A.), 1920.—Folleto, 8.º.—(Don. de íd.)

Conde Pelayo (Volney).—*Breves apuntes socialistas*.—Tortosa, Casa editorial Monchús.—Folleto, 8.º.—(Don. de íd.)

Riba Bracons (C.).—*Les Bucoliques de Virgili*.—Barcelona, MCMXI.—Folleto, 8.º.—(Don. de íd.)

*Conferencia de Editores Españoles y Amigos del Libro*. Celebrada en Barcelona durante los días 8 y 9 de junio de 1917.—S. L. (Barcelona), MCMXVII.—8.º.—(Donativo de íd.)

*Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Barcelona*.—(Proyecto de reforma de su organización y plan de estudios).—Barcelona, mayo 1918.—Folleto, 8.º.—(Don. de íd.)

Cervaens y Rodríguez (José).—*Atravesada Hespanhia Litteraria*. Breves estudios sobre a Litteratura hespanhola antiga e moderna.—Porto, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, 1901.—Folleto, 4.º.—(Don. de íd.)

Vincenti y Reguera (Eduardo).—*Política pedagógica*. (Treinta años de mi vida parlamentaria).—Congreso de los Diputados. Discursos relativos a los Presupuestos de Instrucción pública, mensajes de la Corona, interpelaciones, proposiciones de ley, etcétera.—Madrid, Imprenta de los Hijos de M. G. Hernández, 1916.—4.º.—(Donativo de íd.)

Nuño Beato (Victoriano).—*Lecciones elementales de Psicología, Lógica y Filosofía Moral*. Acomodadas al programa de la asignatura, por D...—Segunda edición.—Alicante, 1899.—Sirvent y Sánchez, impresores.—8.º.—(Don. de íd.)

*Instituto general y técnico y Sección universitaria de Canarias*.—*Memoria correspondiente al curso de 1912 a 1913*.—La Laguna de Tenerife. Imp. de Suc. de M. Curbelo.—Folleto, 4.º.—(Donativo de íd.)